

**ENSAIO CARTOGRÁFICO: POSSIBILIDADES DA REALIZAÇÃO DE PESQUISA
COM CRIANÇAS**

**CARTOGRAPHIC ESSAY: POSSIBILITIES IN CARRYING OUT
RESEARCH WITH CHILDREN**

**ENSAYO CARTOGRÁFICO: POSIBILIDADES DE
INVESTIGACIÓN CON NIÑOS**

COSTA, Raquel Thaís Arcari da¹

HORN, Cláudia Inês²

Resumo:

Este artigo é um recorte da pesquisa “Diálogos entre infância contemporânea e consumo: um ensaio cartográfico com as crianças”, desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari -, Univates. Como recorte, neste estudo enfatiza-se a metodologia do trabalho, apresentando as possibilidades de desenvolver um ensaio cartográfico com crianças. A escrita apresenta as ferramentas e os materiais necessários para o cultivo dos dados empíricos, bem como a atitude do pesquisador em relação ao trabalho e a busca pelos dados durante o processo de pesquisa. Expõem-se, também, considerações acerca da conduta ética necessária em pesquisas com crianças. Além disso, é apresentada a amostragem de uma experiência desenvolvida a partir do método cartográfico, organizada em encontros, que contou com a participação de quatro crianças. Autores como Passos e Kastrup (2009), Gaiva (2009), Dunker e Thebas (2019) são citados, por embasarem o estudo da metodologia cartográfica. Cartografar requer um movimento do pensamento que convida a uma experiência, uma aventura investigativa. Utilizar a metodologia cartográfica com crianças significa escutar as infâncias, não apenas as palavras pronunciadas, mas o que elas revelam, quais caminhos tais palavras criam para refletir os temas contemporâneos. Como considerações finais, evidenciaram-se as possibilidades que a cartografia concede ao pesquisador, às crianças e à pesquisa.

Palavras-chave: Método cartográfico. Pesquisa com crianças. Infâncias.

1 Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Lajeado, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4240-8309>. e-mail: raquel.arcari@univaerso.univates.br

2 Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Lajeado, RS (Rio Grande do Sul), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1612-2067>. e-mail: cihorn@univates.br

Abstract:

This article is a clipping of the research “Dialogues between contemporary childhood and consumption: a cartographic essay with children”; developed in the course of Pedagogy of the University of Vale do Taquari - Univates. As a cut, this study emphasizes the methodology of work, presenting the possibilities of developing a cartographic essay with children. The writing presents the tools and materials necessary for the cultivation of empirical data, as well as the attitude of the researcher in relation to the work and the search for the data during the research process. Considerations about the ethical conduct required in research with children are also exposed. In addition, it is presented the sampling of an experience developed from the cartographic method, organized in meetings, which included the participation of four children. Authors such as Passos and Kastrup (2009), Gaiva (2009), Dunker and Thebas (2019) are cited, because they support the study of cartographic methodology. Mapping requires a movement of thought that invites an experience, an investigative adventure. Using the cartographic methodology with children means listening to childhood, not just the spoken words, but what they reveal, which paths such words create to reflect contemporary themes. As final considerations, the possibilities that cartography grants to the researcher, to the children and to the research were evidenced.

Keywords: Cartographic method. Research with children. Childhood.

Resumen:

Este artículo es un recorte de la investigación "Diálogos entre infancia contemporánea y consumo: un ensayo cartográfico con los niños", desarrollada en el curso de Pedagogía de la Universidad del Vale do Taquari - Univates. Como recorte, se enfatiza la metodología del trabajo, presentando las posibilidades de desarrollar un ensayo cartográfico con niños. La escritura presenta las herramientas y los materiales necesarios para el cultivo de los datos empíricos, así como la actitud del investigador en relación a la búsqueda por los datos durante el proceso de investigación. También expone consideraciones sobre la conducta ética necesaria en la investigación con niños. Además, se presenta una muestra de una experiencia desarrollada a partir del método cartográfico, organizada en encuentros, con la participación de cuatro niños. Se citan autores como Passos y Kastrup (2009), Gaiva (2009), Dunker y Thebas (2019), ya que apoyan el estudio de la metodología cartográfica. Mapear requiere un movimiento de pensamiento que invita a una experiencia, una aventura investigativa. Usar la metodología cartográfica con los niños significa escuchar a la infancia, no solo las palabras habladas, sino lo que revelan, qué caminos crean esas palabras para reflejar temas contemporáneos. Como consideraciones finales, se evidenciaron las posibilidades que la cartografía

concede al investigador, a los niños y a la investigación.

Palabras Clave: Método cartográfico. Investigación con niños. Infancia.

Introdução

Quando nosso olhar é lançado para uma infância que habita o mundo do consumismo, seduzida por ele através de táticas e estratégias que capturam a atenção e interesse das crianças, é comum termos em mente uma ideia negativa que, por vezes, a mídia impõe sobre essa infância. Entretanto, ao usarmos as lentes do pesquisador que acredita na potencialidade da infância, percebemos a importância do engajamento das crianças no estudo. Isso porque o pesquisador analisa os movimentos que elas promovem estando juntas a uma sociedade capitalista. Assim, torna-se indispensável escutá-las e entender sua perspectiva, na tentativa de desvincular-se dos estereótipos que o senso comum cria.

Este artigo desenvolve-se a partir da escrita da Monografia intitulada “Diálogos na contemporaneidade: um ensaio cartográfico com as crianças”, pela Universidade do Vale do Taquari- UNIVATES, localizada na cidade de Lajeado- RS, Brasil, que objetivou o encontro, o diálogo e a relação com as crianças, a fim de escutá-las e analisar seu envolvimento e suas articulações com o consumo e todas as questões mercantis que se ligam a ele. Tal investigação, de cunho qualitativo, seleciona a cartografia como metodologia para corporificar as etapas da pesquisa. Esse método se foca, antes do resultado, no processo que pode se reinventar e se reestruturar de acordo com o contexto, com a voz das crianças e com a reflexão do pesquisador a partir do que é exposto. Para tanto, torna-se necessário convidar as crianças a compartilharem suas vivências, suas histórias e escutá-las sem que a posição do pesquisador conduza a uma resposta.

Assim, a escrita que segue envolve procedimentos para trabalhar a pesquisa cartográfica com crianças, apresentando conceitos e recortes de estudos realizados na Monografia. A primeira seção caracteriza os dois encontros organizados em espaços ao ar livre com a presença das quatro crianças. Para tanto, são citados autores como Kastrup (2007), Passos e Barros (2009), Romagnoli (2009), que tratam do conceito cartográfico, seu significado e sua singularidade, considerando o contexto e o outro como fontes de pesquisa e de análise de um estudo.

A segunda seção aborda os instrumentos e ferramentas necessárias para as variadas formas de registro de um encontro que, futuramente, servirá como respaldo para a análise da pesquisa. Além disso, o subtítulo apresenta as performances, isto é, as ações de um pesquisador que escolhe

a cartografia como percurso metodológico. Para sustentar essas ideias, são citados autores como: Barbier (1993), Dunker e Thebas (2019), que mencionam a escuta sensível e sua relevância durante os encontros com as crianças; Macedo (2010), Bogdan e Biklen (1994), que escrevem sobre o diário de campo, ferramenta imprescindível que, além de conter pistas sobre os caminhos a serem trilhados, deixa em suas folhas as marcas do pesquisador, seus sentimentos e afetos; e Pozzana (2014), Barros e Kastrup (2009), que tratam do estado de sentir aquilo que rodeia o pesquisador antes, durante e após o encontro com uma escrita que inspira e encoraja a ação de investigar.

A última seção, que antecede as considerações finais, expõe a análise cartográfica dos encontros, apresentando recortes das falas das crianças. Nesses recortes, encontram-se a potência e a força de uma infância menor, uma infância que nem todos conseguem detectar, pois se esconde entre os discursos incorporados como verdadeiros. Embasaram o estudo dessa seção, autores como Dornelles e Fernandes (2015), os quais trabalham a pesquisa com crianças, bem como os autores Jódar e Gómez (2002), que apresentam o infantil como um ser capaz de inventar, criar, descobrir e encontrar um novo caminho.

Assim, a escrita que segue compila a cartografia, a pesquisa com crianças e a potência das infâncias, expondo uma análise que está aberta às possibilidades do olhar do cartógrafo e como ele sente o que o rodeia naquele instante.

Cartografia com crianças: manifestando a potência das infâncias

Para o desenvolvimento dessa investigação, quatro crianças, de cinco a doze anos de idade, foram convidadas a participar de encontros organizados por mim, enquanto pesquisadora. A escolha por esse grupo deu-se através da convivência pessoal que existia entre nós e a amizade que tinha com os pais das mesmas, facilitando nossos encontros, pois seria uma pessoa da qual as crianças já teriam uma familiaridade. As idades também foram pensadas para abordar diferentes faixas etárias e, conseqüentemente, surgir diferentes temáticas e jeitos de se expressar. Nesses encontros, as crianças poderiam interagir livremente, brincar, explorar e aproveitar o ambiente. Elas seriam convidadas e instigadas a um diálogo em que falariam de suas vidas pessoais, gostos, preferência, interagindo comigo e com as demais crianças. Algumas propostas para debate foram pensadas anteriormente como forma de nortear a conversa, entendendo o propósito e a intencionalidade da pesquisadora em atentar para as questões ligadas ao consumismo. Por outro lado, os rumos do nosso diálogo tomaram outros caminhos, nem sequer imaginados pela pesquisadora, que posteriormente, também serviram como análise de pesquisa. Tais momentos

dirigidos aconteciam durante um gostoso piquenique ao ar livre, sobre uma grande toalha, onde todos se acomodaram e vivenciaram aquele momento, cada criança com seu jeito, sua voz, suas particularidades. Ademais, os encontros proporcionaram momentos de trocas entre as crianças, brincadeiras, risadas, criações com os materiais da natureza e um futebol onde todos participaram, inclusive a pesquisadora. Os cenários em que o estudo foi desenvolvido foram deslocados dos espaços da escola com o objetivo de propor um encontro diferente, convidativo e prazeroso, ocorrendo em duas praças públicas de diferentes municípios situados no Vale do Taquari/RS.

Importa relatar que os ensaios cartográficos aconteceram em dois encontros, nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, e tiveram duração de, em média, duas horas e trinta minutos. O período dos encontros estendeu-se, pois as crianças manifestaram a vontade de permanecer naquele espaço e com aquela companhia. Nesse sentido, a cartografia possibilita levar em conta as situações que surgem, a passionalidade, a ânsia dos sujeitos, pois seu propósito não está no produto, mas sim no trilha da elaboração, que muitas vezes se distancia dos encaixes e dos segmentos estipulados.

Kastrup (2007, p.15) afirma que a cartografia é “um método formulado por G. Deleuze e F. Guattari (1995), que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto”. Trata-se de um método flexível, que não busca a intencionalidade do que encontrar, mas que, cuidadosamente, analisa aquilo que encontra. Assim, a pesquisa pode tomar rumos diferentes daqueles inicialmente traçados pelo pesquisador, porque enxerga a necessidade e a relevância de fazê-lo ou experimentá-lo. Ao encontro dessa perspectiva, Passos e Barros (2009, p.17) asseguram que a cartografia “como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos [...]”. Isso não significa que o pesquisador não tem uma intenção ou um planejamento para seu estudo, mas que, para além do seu preparo, ele se permite inscrever e participar desse contexto com sensibilidade, com afetos.

A cartografia ganha vida nas aproximações, durante os planos da experiência que ocorrem entre pesquisador, objeto de pesquisa e conhecimentos obtidos. A cartografia tem algo de sensível, que atravessa a subjetividade, sem esperar respostas pré-programadas, mas relacionando o que se ouve com aquilo que está ao seu redor. Conforme Barros e Kastrup (2009, p. 57):

[...] a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão encontra-se conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente.

Segundo as referidas autoras, é essencial mirar no processo e não apenas uma informação com o único objetivo de chegar ao resultado. Para isso, é preciso abrir-se, deixar-se envolver em

um movimento contínuo, de modo que cada instante da pesquisa traga um sentido, não um sentido pronto, que se prevê, mas um sentido que, ao ser analisado, revela novos significados (BARROS; KASTRUP, 2009).

A cartografia atua na experiência e na experimentação, funciona como um exercício de invenção, ultrapassando o que é apontado como “verdade única”. Ela “abarca a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169). Nesse sentido, nesta pesquisa cartográfica, busquei encontrar as minúcias, isto é, aquilo que foge das observações gerais, da mídia, do comum.

A tentativa constante é uma investida da cartografia, quando nos inclinamos a ensaiar algo que ainda não tem cenário e encontramos respostas outras que desencadeiam mais perguntas. Tal subversão coloca o pesquisador frente às incertezas, às dúvidas, aos (re)planejamentos, uma situação que, ao mesmo tempo, concilia o papel de organizador, de quem toma a frente e tem a iniciativa, e o papel de aprendiz, que está ali, de ouvidos bem abertos, anotando, pensando, esforçando-se para não deixar passar nenhum detalhe.

Para que o investigador consiga entender o roteiro por completo, é preciso que ele esteja acompanhado das crianças, pois são elas que trarão sentido e significado aos conceitos discutidos e analisados na pesquisa. Assim, a cartografia com crianças revela um caminho incerto a ser trilhado de mãos dadas. Ao valer-se dessa ferramenta, o pesquisador não sabe o final da estrada, mas certamente seguirá firme, construindo alternativas, formulando hipóteses, impulsionado a tentar e vivenciar esse encontro, esse tempo em grupo.

Instrumentos e performances do pesquisador que percorre os caminhos cartográficos

Ao compreender o conceito cartográfico e a complexidade que ele abarca - e com isso não tenho a pretensão de julgá-lo, mas de caracterizá-lo como um método que, na sua essência, se constrói a partir do significado que damos ao que pensamos e escutamos e com o vínculo que criamos com os sujeitos que estão conosco -, torna-se relevante selecionar materiais de apoio que nos auxiliem durante a pesquisa e que estejam de acordo com o panorama metodológico. Para tanto, apresentam-se, a seguir, as ferramentas que contribuíram para a efetivação dos registros e, posteriormente, na análise de dados.

Certamente, a câmera fotográfica foi o item primeiro, pois proporciona o registro que

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.78110

guarda, demonstra e comprova os momentos vividos. A imagem, registrada pelo pesquisador, movimentada as reflexões e os entendimentos e, por vezes, provoca (re)ver uma situação com lentes diferentes daquelas que tivemos durante a participação daquele encontro. Temos, nesse ponto, dois paralelos: o pesquisador que vivencia ativamente; e o pesquisador que analisa enquanto vasculha suas anotações, seus cliques, suas transcrições.

Outra ferramenta imprescindível é o gravador, com o qual cada voz, ruído, risada, palavra, frase são captados. Após, os diálogos foram escutados e (re)escutados diversas vezes, até que algo, que daquele som se criou, me afetou e fez meu pensamento se mover. Às vezes, a repetição é necessária para que o pesquisador mobilize suas compreensões. Isso porque as ideias que formamos têm muito a ver com as experiências próximas que tivemos. Então, escutar uma fala no dia de hoje pode suscitar uma percepção diferente da que teremos se a escutarmos novamente daqui a um mês. Dunker e Thebas (2019, p. 19) falam sobre uma escuta de qualidade:

Escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercício, mas também, e principalmente, de abertura e experimentação. É uma arte difícil de dominar porque seus efeitos visíveis acontecem no outro em tempo real e segundo as leis do improviso: o riso, a metamorfose do humor, a mudança de atitude com relação a si mesmo, ao mundo e aos outros.

Assim, o gravador me deu a chance de recomeçar a escuta que foi se modelando e tornando sensível. O ouvido passou a se inclinar, não o ouvido que só ouve sons sem internalizá-los, mas o que deixa entrar e escuta, desdobrando-se para pensar além do óbvio.

A escuta sensível, para Barbier (1993), trata muito mais de arte do que uma ciência, pois “toda ciência procura circunscrever seu território e impor seus modelos de referência até prova do contrário”. Já a arte, “quando esculpe na pedra, para fazer surgir a forma, deve primeiro passar pelo trabalho do vazio” (BARBIER, 1993, p. 210). É uma escuta sem julgamentos, sem preconceitos, sem formatos para se conceber, uma escuta que se esvazia das palavras. Tal sensibilidade trouxe corpo aos ensaios cartográficos, criando uma rede de inquietações que conectam um tempo a outro, uma ideia a outra, questões pequenas que geram reconhecimento e tornam-se significantes.

Aliado a esses mecanismos, o diário de campo acompanhou-me durante toda a pesquisa, no qual escrevi aquilo que observava, o que me tocou, o que me desconfortou, enfim, todas as sensações, as reflexões e os sentimentos que tive durante os encontros. Bogdan e Biklen (1994, p. 152) apontam dois modos de usar o diário de campo: “[...] O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e

preocupações”.

Para Macedo (2010, p. 134), o diário serve para reconhecer aquilo que os “atores pesquisados” trazem, “quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista”. Desse modo, minha interpretação, minha escuta e aquilo que me afeta se transformaram em palavras escritas no diário, que serviram como eixo para minha compreensão ao longo da pesquisa. Tais palavras, segundo Olegário (2011), “implicam escrever ensaiando novas possibilidades de reinventar mundos”

A escrita reflete aquilo que transpassa, que afeta, que incomoda, que relaciona com outra questão, que faz surgir outro problema, que é capaz de tocar apenas quem se rendeu a mergulhar. O diário de campo, mais do que uma ferramenta, é o reconforto, a casa para a qual sempre se pode voltar, um parceiro que jamais julga uma ação, uma experiência que mexe com pensamentos e sentimentos. A forma do diário se mobiliza de acordo com a forma do pesquisador, daquele que expele na ponta do lápis as palavras necessárias, um caderno, algumas folhas, um bloco, uma cartolina, a geometria que melhor couber no colo. Minha preferência foi por um caderno de capa dura e folhas brancas sem linhas, permitindo-me a escrita de qualquer ângulo, aberto a novos aspectos e contornos. O diário progride na medida em que o autor pesquisador salta entre suas críticas, convicções e juízos e, ainda assim, hesita em sua própria certeza. Nessa visão, cartografar é também esquivar-se do ponto final, da frase afirmativa e acrescentar as reticências.

Para cartografar, é “preciso querer o acontecimento, o lançar dos dados, estar aberto à afirmação do acaso, àquilo que faz problema no mesmo. Suportar um problema, uma sempre vizinhança com territórios de soluções” (COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 43). Um ir e vir de possibilidades a serem exploradas, a certeza de encontrar incertezas, de verdades não ditas e de inícios cheios de meios, mas não de um fim. A cartografia é um desafio que perpassa a mente e o corpo do cartógrafo em cada acontecimento, a cada encontro.

O processo da cartografia requer tempo, requer pensamento, e no pensar há uma complexidade. Não se trata de um prender que prejudica, mas um prender que liberta, que leva para longe dos círculos de outros olhos e outras bocas. Olegário (2011) reflete sobre esse tempo “minado” de desassossegos, de circulação, de correria, de checklists infindáveis, de excessos, que nos priva dos detalhes da vida e nos põe à margem da experiência. A cartografia descaracteriza e esmiúça esse tempo, proporcionando a ação de fragmentar a cronologia.

A cartografia gera experiências que proporcionam a visita a novos horizontes, porque questionam o pensamento, os discursos e a própria existência no mundo. Barros e Kastrup (2009)

transmitem a ideia do cartógrafo e a aproximação do campo, onde acontece a descoberta de territórios que não habitamos, territórios que cruzam odores, cores, pensamentos e palavras. Receptividades que advêm de dentro de nós mesmos enquanto pesquisadores sensitivos, humanos e afetuosos e que se aprimoram durante o movimento do estudo.

Trata-se de uma exploração que também perpassa o corpo. "É no corpo pensante e vibrante que uma perturbação engendra a vida que cria: corporificação e afetabilidade" (POZZANA, 2014, p. 61). O cartógrafo cria seu corpo junto com a pesquisa, um corpo que ultrapassa as questões que concernem à anatomia, um corpo outro que surge dentro desse que já existe.

"Experiência de vida e experiência pré-refletida" (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014, p. 95), dois conceitos de uma mesma vertente, as quais culminam nas temáticas mobilizadoras que não se fazem de modelos pré-estabelecidos, mas de pistas que ajudam a encontrar a criação de um molde adaptável. Segundo os autores, a experiência de vida diz respeito às histórias, aquilo que se viveu e que as crianças me relataram durante os encontros. Já a experiência pré-refletida abrange o campo da existência, do ser e estar ali no momento, a experiência instantânea que acontece por meio da interação entre pesquisador, objeto e seu entorno, que depende da reciprocidade para acontecer.

A partir de tais explanações acerca dos dispositivos que dão base à pesquisa, e da desenvoltura do pesquisador durante o processo, torna-se oportuno apresentar as configurações utilizadas para análise dos dados, bem como o funcionamento dessas ferramentas de acordo com os passos do pesquisador e o seu entorno. Durante os dias em que submergi no método cartográfico, pude perceber, não só nos encontros estabelecidos com as quatro crianças que escolhi, mas também nos lugares em que frequentava, no trabalho e durante conversas, a existência da sensibilidade nas relações, a potencialidade das infâncias e a emergência de pensar para além do senso comum. Nesse sentido, aproveitei o momento para expor alguns segmentos que compuseram meu diário de campo.

Transcrições, sentimentos, lugares e afetos: uma análise cartográfica

Pesquisar é vasculhar um campo que já foi estudado e, ainda assim, encontrar-lhe um novo sentido. No entanto, o ato de pesquisar depende do estado de espírito e do entusiasmo do pesquisador em buscar respostas para uma pergunta específica. Além disso, pesquisar requer ânimo e coragem para encarar o que se vai encontrar, pois pode-se obter como resultado o que não se esperava. Pesquisar é um ciclo vicioso que inicia com um questionamento, abrindo portas para

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.78110

mais tantos. Pesquisar é duvidar até mesmo daquilo que achávamos que tínhamos certeza. Em outras palavras, pode-se dizer que a pesquisa emerge daquilo que nos tira do estado de conforto, que nos inquieta e que nos faz persistir num percurso que, inicialmente, era apenas um atalho, mas que, mais tarde, serve de caminho.

Nesta pesquisa, a cartografia ajudou-me a valorizar os detalhes, aquilo que passa despercebido em relação às infâncias, para o que a mídia retira dos holofotes e faz questão de deixar escondido. Conversar com as crianças, observá-las, escrever sobre meus sentimentos e ideias no diário e reservar tempo para refletir sobre os discursos impostos e seu objetivo me fez perceber e encontrar outras respostas.

Para além da minha ânsia como pesquisadora e da vontade que as crianças mostraram ao saberem da proposta, foi necessária toda uma organização e planejamento, pois se não tivesse me juntado com as crianças e deixado acontecer, talvez, não teriam me oferecido subsídios que coubessem na Monografia. Entretanto, o pesquisador sempre tem uma intencionalidade que fundamenta o trilha da pesquisa, nesse caso, é importante esboçar um roteiro inicial, que servirá como entrada, como uma forma de fazer as crianças sentirem-se bem e convidadas a participar.

Desse modo, o número de crianças, a presença de outro adulto, a preparação dos lanches para o piquenique e dos demais itens imprescindíveis para um encontro ao ar livre, colaboraram para um momento harmônico em que pude, de fato, dar atenção às crianças, escutá-las, trocar experiências e participar de suas brincadeiras.

Outro ponto de total relevância quando tratamos de pesquisa com crianças é a assinatura do Termo de Consentimento Informado, destinado aos pais, e o Termo de Assentimento para as crianças. Nesses documentos, os sujeitos envolvidos autorizam o uso dos dados coletados (fotografias, gravações, citações) para a publicação científica e para a educação formativa de professores. Dessa forma, respeita-se a ética na pesquisa com as crianças. Gaiva (2009, p. 138) defende a ideia de que

as crianças são atores sociais e, como tais, são também produtoras de dados para estudos/pesquisas. No entanto, apresentam características em seu desenvolvimento que as tornam vulneráveis nos aspectos bio-psico-social. Assim sendo, sua participação em pesquisa deve ser vista de forma cuidadosa pelos pesquisadores.

Ao levar em conta essa perspectiva, respeitam-se as crianças como seres pensantes, que carregam opiniões e que contribuíram significativamente com a pesquisa a campo. Em razão disso, é relevante citá-las, valendo-se do seu primeiro nome, conforme concordância nos termos assinados por todas. Acerca desse aspecto, Kramer (2002) enfatiza a importância do uso do nome que dá identidade à criança, pois representá-la como um número ou letra, como normalmente é feito em pesquisas com crianças, apaga quem elas são e as coloca em um anonimato que vai de encontro com o sentido deste estudo, em que justamente a voz da criança vem à tona para ser analisada.

Os dois encontros, embora ocorridos em lugares semelhantes, revelaram e ofereceram vivências diferenciadas. Isso porque não somente o lugar, mas o vínculo que criamos depois do primeiro contato evidenciou uma parceria e um companheirismo mútuo entre nós. Num primeiro momento, nossas conversas foram iniciadas com assuntos provocados por mim. Porém, com o passar do tempo, cada criança passou a se expressava do seu jeito, com olhares, risos, falas, questionamentos e, nesse ponto, já não se tratava meramente de uma exposição de histórias que coubessem no assunto do “trabalho da faculdade”, mas de confissões, de sentimentos e de uma amizade que, com certeza, haviam se compactado.

Já em casa, um ar de gratidão e satisfação pairava sobre mim. As gravações eram ouvidas para transcrição, e novamente, escutadas para reflexão. Aquelas crianças tinham encantamentos, personalidade e um jeito único de expressar-se. Elas tinham o dom de prender minha atenção e de surpreender-me com o que falavam.

Assim, os ensaios cartográficos objetos da presente pesquisa ocorreram a partir da experiência de conhecer o desconhecido, de sentir o não explicável e de superar as expectativas que se espremiavam para não serem criadas. Esse é o atributo do cartógrafo: “sentir-se estrangeiro dentro da própria morada, ele que de porto em porto se vê em um tempo outro, que empurra, traveste, ora rasga e ora costura o mesmo e o faz diferir” (REGIS; FONSECA, 2012, p. 273).

Pesquisar com as crianças causa no pesquisador um efeito que oscila entre a nostalgia e a novidade, entre o habitual e o desconhecido, entre dialéticas que excedem o modo simplista de compreender as infâncias na sua singularidade. Uma experiência que, atravessada pela cartografia, permite pensar fora da caixa, uma caixa previsível, sem espelhos, ditada por um poder que se diz maior. Um desviar de direção do sol para enxergar o balançar engraçado das nuvens, dando-se

conta de que só chove porque elas existem. Um caminhar, que embora não tenha alcançado o topo da montanha, consegue sentir a brisa no percurso. Pés que pisam em territórios pouco remexidos, onde só vão aqueles que se deixam levar. Alguém sem rosto e corpo definidos, pois no caminho eles têm a chance de moldar-se e tornar-se um outro, não por deixar de ser um ser humano, mas por vir a ser um mais humano ainda. Nesse sentido, para Dornelles e Fernandes (2015, p. 74), investigar com crianças

[...] pressupõe cruzar calmarias e tempestades, traçar cartografias que envolveram metas, mudanças de rotas, retomadas e novos caminhos e, isso nós aprendemos com as crianças em nossas pesquisas. Ao inventarmos modos de pesquisa com crianças, tentamos nos afastar do que somos até então e, quem sabe, a partir deste encontro abandonemos a tranquilidade que vivemos, entendendo que nossas crianças escapam, são sempre para nós um enigma e, quem sabe com isso, tenhamos presente que a toda investigação com crianças ousemos nos reinventar como pesquisadores de crianças.

Tal processo cartográfico que envolve as crianças, o pesquisador, o contexto e as relações de afetos que se criam são solidificadas durante a análise do cultivo dos dados e da escrita no diário de campo. Tal escrita permitiu-me, como pesquisadora, expressar o sentimento, as inquietudes, as incertezas e as sensações que me acompanharam durante todo o processo cartográfico. Esses ensaios cartográficos, por seu próprio nome, sugerem o imprevisível, o “frio na barriga”, a imperfeição que cria, ao contrário do esperado, o novo.

A seguir, são apresentados alguns excertos retirados do diário de campo. Esses excertos, analisados sob as lentes do método cartográfico, ajudam a encontrar traços do devir-criança, o qual revela as esmiúces de uma infância retratada com formato único e que aponta para as insignificâncias, visto que, por não estar estampado, camufla-se entre ações que só uma escuta e um olhar sensíveis conseguem detectar. O devir-criança não é algo imposto ou seguido. Ele parte da criança, um ser que se metamorfoseia, que opera nos detalhes. Ele também rompe com o que estamos acostumados, criando possibilidades de encontrar respostas diferentes daquelas que se repetem e se reproduzem até então. O devir-criança pode criar novas perguntas que não precisam, necessariamente, atingir um fim, pois é também um processo de transformar-se.

Quadro 13 - Diário de campo (29.02.20)

Diário de campo – 2º Encontro

Formigas...

- *Tem formiga ali, vamos colocar mais pra cá. (Lucas)*

- *Eu fiz uma casinha de areia e daí tinha uma porta pra formiga entrar e eu peguei uma cebola e botei pra elas comerem lá na minha vó. (Marina)*

Fonte: Elaborado pela autora com base na transcrição das falas das crianças (2020).

O tema da conversa reproduzida acima foram as formigas que, mesmo tão pequenas e imperceptíveis, podem gerar grandes incômodos. A Marina, com seus 5 anos de idade e uma voz doce, contava-nos um episódio ocorrido na casa da sua avó, em que as formigas, naquele momento, deixaram de ser simples insetos e passaram, pelas lentes da infância, a ser suas hóspedes. A casa estava pronta para recebê-las, isto é, o jantar estava posto à mesa, para que todas juntas comessem à vontade. A precisão da voz e a crença de que as formigas passariam a noite na casa, demonstrou-me a força da infância, a força da imaginação, a força de um devir-criança.

Infâncias são insistências na invenção, são dar vida para o inanimado, são fazer das formigas a sua companhia, na falta de outra criança. Infâncias são tornar-se o que quiser, quando quiser, porque elas habitam o imaginável, o imensurável e o criativo. Para isso não precisa haver uma razão, mas “entrar em paixões, em aventuras, nas cores, em nascimentos. Não se compõem em permanências, mas arrastam suas expedições para outros lugares” (CHISTE, 2015, p. 66), que desconhecemos e com os quais talvez não seríamos capazes de lidar.

Outro trecho selecionado do diário de campo foi uma narrativa feita por mim no momento das minhas férias, na praia, mostrando que o diário verdadeiramente me acompanhou sempre no período da construção da pesquisa. No referido momento, pensei que, de forma muito rasa, veria à beira-mar as marcas do consumo, o ato da compra, a ostentação, o desejo. Certamente me surpreendi, pois a criança linda que logo chamou minha atenção mostrou, da forma mais pura e clara, a grandeza que o devir expressa na sua singeleza.

Quadro 16 - Diário de campo (12.01.20)

Diário de campo

No mar de Torres...

Sol, areia e mar. Camadas de protetor solar e vendedores desenfreados a passar em meio aos guarda-sóis com seus produtos: picolés, bebidas, roupas, churros, batatas, queijo no palito, brinquedos, pipas, cachorrinhos de pelúcia que andam e dão cambalhotas. Não pude deixar de perceber a pequena criança que bambaleava entre os passos, seu cabelo era ruivo e sua pele branquíssima. Em meio a tantas pessoas e vendedores com produtos tentadores para sua idade, a sua única procura era o MAR, aquela imensa poça d'água com gosto salgado que fazia espuma, aquilo era tudo que importava. Entre uma onda e outra, a vontade de pular era tanta que seu pai a continha. Cada vez que era trazida para a areia, onde a mãe esperava com a toalha, ela tremia de frio, pois fazia vento forte, mas nada importava! Corajosa, voltava para o mar, ora gatinhando, ora dando uns passos, obrigando seu pai a correr novamente atrás dela. Era o dia de descobrir, de ver e ouvir o mar, pois nada melhor do que a infância.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Sentada na cadeira de praia, com os pés na areia, ao me deparar com essa menina, não pude disfarçar minha expressão de afeto e até de graça da situação. Ninguém mais que não fosse o pai, a mãe e eu observávamos a menina. Isso porque a praia estava lotada de cadeiras, guarda-sóis e pessoas. Em seu pedaço de espaço, a criança parecia não ouvir nem ver outra coisa senão o mar. Aquilo para ela era incrível, era novo, era experimento, era pura emoção, tanta que, se o seu pai deixasse, ela entraria mar adentro. Eu fiquei pensando: O que, para ela, poderia ser o mar? Com o que ela poderia estar conectando suas ideias? Talvez uma piscina, mas o gosto da água era outro. Talvez a banheira, mas o tamanho era completamente diferente. Realmente era algo fora das dimensões e do que ela já havia vivenciado. Tão nova, aprendendo a caminhar, vencida o frio e as dezenas de pernas que atravessaram em sua frente. Era um dia lindo de sol, ela sorria e as nuvens davam espaço, contemplavam lá de cima a maior descoberta do dia: o mar.

Jódar e Gómez (2002, p. 37) chamam de “enigma do descobrir” essa inquietude que faz o movimento, que tira do lugar e o que a criança sabe muito bem viver:

É o que faz a criança: saber, aprender e criar. E isso estando em caminho, ou melhor, sendo-o. Inscrita no enigma do descobrir. Surpreendendo na renovada experiência intensiva do real, fonte de inquietude e afirmação de vida. Sabe que a informação não pode substituir o pensamento. Sabe das perguntas sem respostas que, em forma de enigma, povoam o real.

Perguntas sem respostas que eu, pesquisadora, tive a coragem de enfrentar. Durante a pesquisa a campo, perpassaram-me sensações de incerteza, de preocupação por não saber se encontraria o caminho, mas também a satisfação do encontro, a gratidão pelas crianças, o envolvimento e a responsabilidade com a pesquisa. Tudo isso foi possível pelas possibilidades que a escrita e o diário de campo oferecem. Os atributos do método cartográfico transformam nosso pensar, despregando-o do sol e começando a enxergar o balançar engraçado das nuvens, dando-se conta de que só chove porque elas existem.

O fascínio da cartografia está na descoberta, na experimentação. Ela depende de mim e do outro, mexendo com a emoção, exigindo desdobramento, desenvoltura e movimento, o que desloca o pensamento. A cartografia não nos dá a receita, mas vai deixando rastros e pistas que intentam o próximo passo. Um exercício que flexiona as verdades, mostrando que, às vezes, o que achamos ser a liberdade, é nosso próprio cárcere.

Considerações finais

Acolher a cartografia como metodologia para a pesquisa com crianças cria um elo entre experimentação e intenção, pois vai ao encontro das infâncias. A cartografia desperta no pesquisador a ânsia de continuar, de poetizar, de acreditar que existe um segundo caminho, por mais que um insista em se sobressair. Assim também são as infâncias, que provocam o adulto a pensar sobre suas afirmações e convicções, levando-o a compreender por um viés que se esconde no microscópico.

Nesse sentido, não se trata de escrever sobre as respostas ou simplesmente sobre um resultado, mas de construir modos de pensar, de forma a realocar conceitos e desestruturar "verdades". Posso afirmar, então, que minhas considerações são fruto de reflexões que aconteceram a partir dos ensaios com as crianças, considerações que começaram de dentro para fora e que se expressaram através da escrita. Por isso, além de desafiar-me a refletir sobre as infâncias, desmitificando-as, pude também desafiar-me a uma escrita um tanto inventiva, não no sentido de ficcionar situações, mas no sentido de atrever-me a "sair da caixa". Com certeza, a utilização do

método cartográfico e do diário de campo proporcionou-me um caminho leve e confortável para tal, desafiando-me constantemente a "evitar que predominasse a busca de informação para que então o cartógrafo (eu) pudesse se abrir ao encontro" (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

A cartografia permite o encontro do pesquisador consigo mesmo e com as crianças. Permite escutá-las, ver o seu lado da história, suas ações e escolhas. Isso é um exercício de escuta sensível, um modo menos "enformado", menos rotulado de acolher as infâncias. Além disso, o conceito de devir-criança amplia nossa perspectiva acerca das potencialidades de uma criança, principalmente no que diz respeito ao seu modo de pensar, que se distancia de um adulto, o qual já se adaptou aos encaixamentos do mundo globalizado.

A pesquisa cartográfica, num emaranhado de fios, não está preocupada em desvendar o começo, mas pontua suas forças no entrelaçamento que forma o nó, pois é ali que a maioria dos olhos não passam. É um método que resgata as insignificâncias, porque percebe nelas a potencialidade. A cartografia não espera habilidades prévias do pesquisador e dos seus envolvidos, no entanto, ao longo do percurso, surpreende-os com a capacidade que encontram. Trata-se de um modo de pesquisar que não precisa de grandes e caras ferramentas para acontecer, pois a força não está na quantidade ou no preço, mas no valor das relações e uniões que se estabelecem entre pessoas e o que elas têm guardado dentro de si.

Referências

- BARBIER, René. A escuta sensível em educação. Cadernos Anped, Porto Alegre, n. 5, set. 1993.
- BARROS, Laura P. de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. Investigação qualitativa em educação. Tradução: Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto: Porto Editora LTDA, 1994.
- CHISTÉ, Bianca. S. Vestígios de infância. In: Infância, imagens e vertigens [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 53-83, 2015.
- COSTA, Luis A.; ANGELI, Andréa do A. C.; FONSECA, Tania Mara G. Cartografar. In.: FONSECA, Tania Mara G.; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- DORNELLES, Leni V.; FERNANDES, Natalia. Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.
- DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. O começo: versão do psicanalista. In.: O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil, 219 p. 2019. Disponível em: O Palhaço e o Psicanalista. Acesso em: 12.jun.2021.
- GAIVA, Maria A. M. Pesquisa envolvendo crianças: aspectos éticos. Revista Bioética. v. 17, v. 1, jun/mar, p. 135 -146, Mato Grosso, 2009.
- JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lucía. Devir-criança: experimentar e explorar outra educação. Revista educação e realidade, n. 27, v. 2, p. 31-45, jul./dez.2002.
- KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho com o cartógrafo. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 19, n. 1, jan./abr. 2007, p. 15-22.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, jul./2002.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica/etnopesquisa: formação. Brasília: Liber Livro, 2010.
- OLEGÁRIO, Fabiane. Rastros das linhas menores de escrita. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul - Santa Cruz do Sul, 2011.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS,

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.78110

Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TADESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REGIS, Vitor M.; FONSECA, Tania M. G. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. *Fractal, Revista Psicologia*, v. 24 – n. 2, p. 271-286, Mai/Ago. 2012.

ROMAGNOLLI, Roberta C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Revista Psicologia & Sociedade*. Belo Horizonte, v. 21, n. 2, mar./maio 2009, p. 166-173.

TEDESCO, Silvia H.; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana V. A entrevista na pesquisa cartógrafa: a experiência do dizer. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TADESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

Recebido em 27 de julho de 2023

Aceito em 20 de março de 2024



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.